

ESTUDO DIRIGIDO
DE
GRAMÁTICA HISTÓRICA
E
TEORIA DA LITERATURA

Arvo
4/25

EDITORA DO BRASIL S. A.

1975

8. MORFOLOGIA HISTÓRICA: O NOME

No latim clássico, os nomes dividiam-se em cinco grupos, chamados declinações. Cada uma das declinações tinha, por sua vez, seis casos: *nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo*. Os casos indicavam as relações entre as palavras, pois o latim não tinha artigos e as preposições eram usadas com parcimônia. Assim sendo, as diversas funções sintáticas exercidas pelas palavras na oração eram indicadas pelas terminações dessas palavras. (Em português, tais relações são indicadas pela preposição e pelo artigo.) Cada terminação indicava um caso, ou uma função sintática:

Nominativo — caso do sujeito e do predicativo.

Genitivo — caso do complemento nominal e do adjunto adnominal.

Dativo — caso do objeto indireto.

Acusativo — caso do objeto direto.

Vocativo — indica a pessoa ou coisa a que nos dirigimos.

Ablativo — caso dos adjuntos adverbiais.

As cinco declinações do latim clássico eram identificadas pela terminação do genitivo singular:

1.^a declinação: genitivo singular: *ae* — *rosa, rosae*

2.^a " : " " : *i* — *dominus, domini*

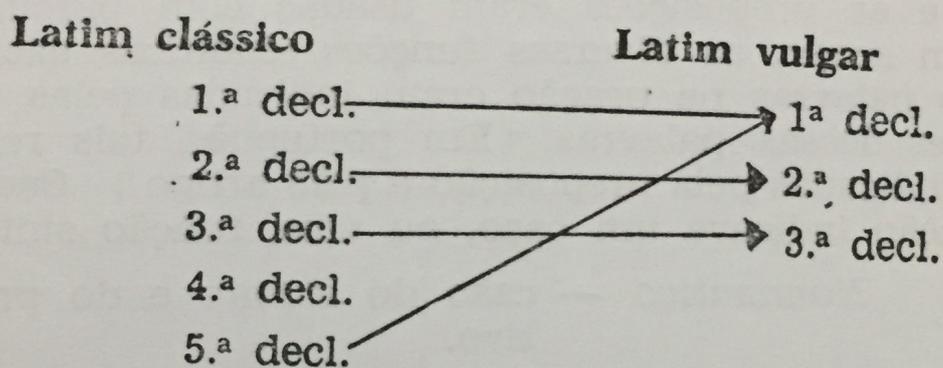
3.^a " : " " : *is* — *lex, legis*

4.^a " : " " : *us* — *sensus, sensus*

5.^a " : " " : *ei* — *res, rei*

As cinco declinações, entretanto, começaram a confundir-se, principalmente a 5.^a com a 1.^a, e a 4.^a com a

2.^a. É que algumas palavras tanto podiam ser declinadas pela 5.^a, quando pela 1.^a declinação: *materies, ei*, ou *materia, ae*; *luxuries, ei*, ou *luxuria, ae*. Deu-se o mesmo com os nomes da 4.^a e da 2.^a: várias palavras da 4.^a podiam ser declinadas pela 2.^a declinação, *domus, us*, ou *domus, i*; *fructus, us* ou *fructus, i*. Tal confusão, que se observava no próprio latim clássico, generalizou-se de tal forma no latim vulgar que ocasionou o desaparecimento de duas declinações: a 5.^a, que se confundiu com a 1.^a, e a 4.^a, que se confundiu com a 2.^a. Em consequência disso, as cinco declinações do latim clássico transformaram-se em três, no latim vulgar.



Também nos casos houve redução. A tendência analítica do latim vulgar fez com que se usasse a preposição, quando no latim clássico usava-se apenas a terminação indicativa do caso. Por exemplo: enquanto no latim clássico se dizia: “DEDI LIBRUM ANTONIO”, usando-se o acusativo *librum* (terminação *m*) para indicar o objeto direto, e o dativo *Antonio* (terminação *o*), indicando o objeto indireto, no latim vulgar dizia-se: “DEDI LIBRUM AD ANTONIUM”, usando-se o acusativo *Antonium* (terminação *m*), precedido pela preposição *ad*, para indicar o objeto indireto. O largo emprego de preposições para indicar funções sintáticas ocasionou o desaparecimento dos casos, até que só restaram dois: o nominativo e o acusativo. As funções dos outros casos passaram a ser indicadas pelo acusativo preposicionado.

Em algumas regiões (Portugal, por exemplo), o nominativo e o acusativo fundiram-se, prevalecendo o segundo. Do *acusativo*, portanto, deriva a maioria das palavras portuguesas. Por esse motivo é chamado *Caso Lexicogênico*, isto é, caso “criador do léxico” ou do vocabulário.

Apesar de no português predominarem palavras provenientes do acusativo, os outros casos também contribuíram para a formação do vocabulário:

Nominativo — deu alguns nomes próprios: Marcos, Lucas, Mateus, etc.

Genitivo — alguns patronímicos: Fernandes, Lopes, Martins, etc.

— nomes de lugares: Guimarães, etc.

— nomes compostos: aqueduto, terremoto, etc.

Dativo — crucifixo, Deodato, mim, lhe, etc.

Vocativo — ave-maria.

Ablativo — Sagres, agora, amanuense, talvez, etc.

NÚMERO DOS NOMES

O acusativo forneceu também a desinência *s*, indicativa do plural. De fato, em todas as declinações latinas o acusativo plural terminava em *s*:

| Declinação | Acusativo plural |
|-----------------|---------------------|
| 1. ^a | <i>as: poetas</i> |
| 2. ^a | <i>os: dominos</i> |
| 3. ^a | <i>es: sermones</i> |
| 4. ^a | <i>us: fructus</i> |
| 5. ^a | <i>es: res</i> |

O plural dos nomes terminados em *ão* (*ãos, ões, ães*) foge à regra geral. Primitivamente, entretanto, essas palavras tinham, no singular, terminações diferentes, conforme o vocábulo latino de que se originaram.

Singular: *manu* —————→ *mano* —————→ *mão*
 Plural: *manus* —————→ *manos* —————→ *mãos*
 Singular: *pane* —————→ *pãe* —————→ *pão*
 Plural: *panes* —————→ *pães* —————→ *pães*
 Singular: *multitudine* —————→ *multidõe* —————→ (multidom multidão)
 Plural: *multitudines* —————→ *multidões* —————→ *multidões*

Por analogia, no singular, esses vocábulos passaram a terminar sempre em *ão*, ao passo que, no plural, conservaram a forma primitiva.

GÊNERO DOS NOMES

Em latim havia três gêneros: masculino, feminino e neutro. Em português, conservaram-se apenas o masculino e o feminino, embora o neutro tenha deixado sinais de sua existência.

A desinência portuguesa indicativa do masculino (*o*) originou-se do acusativo singular da 2.^a declinação (*um > u > o*), formada quase exclusivamente de nomes masculinos; a desinência do feminino (*a*) tem sua origem no acusativo singular da 1.^a declinação, constituída de palavras femininas, na sua maioria. As palavras femininas que, no latim clássico, pertenciam à 2.^a declinação (acusativo em *um*) passaram, por analogia, para o masculino, no latim vulgar; já os vocábulos masculinos da 1.^a declinação (acusativo em *am*), também, por analogia, passaram para o feminino, no latim vulgar. Os nomes neutros passaram ou para o masculino ou para o feminino.

As exceções que se notam no português são, quase sempre, palavras que vieram da 3.^a declinação, que não tinham a terminação *a* nem a terminação *o*.

SOBREVIVÊNCIA DO NEUTRO

Como já foi dito, no latim clássico havia o gênero neutro, que desapareceu no latim vulgar. Aliás, dentro do próprio *sermo urbanus* já se observava certa confusão entre as palavras neutras e as palavras masculinas e femininas, pois entre elas não havia nenhuma distinção lógica.

Podemos notar, no português, alguns sinais deixados pelo antigo neutro latino.

Os nomes neutros, no plural, terminavam em *a*, no nominativo, acusativo e vocativo; por analogia, passaram para a 1.^a declinação (composta de palavras femininas). Os vocábulos neutros, no singular (acusativo

em *um*) passaram para a 2.^a declinação, transformando-se em nomes masculinos. Esse fato deixou vestígios em português: palavras há que, no masculino, dão idéia de singular; já no feminino transmitem idéia de pluralidade:

Lenho = pedaço de madeira.

Lenha = ramagens, pedaços de madeira.

Braço = membro do corpo.

Braça = medida de extensão.

Constituem, também, vestígios do neutro:

- a. Os adjetivos substantivados: *o belo*, *o justo*, etc.
- b. O adjetivo que, na frase, refere-se a um infinitivo: *é doce morrer pela pátria*.
- c. Os pronomes: *tudo*, *isto*, *isso*, *aquilo*, *algo*, etc.
- d. Adjetivos e participios empregados em frases como: *é bom toda cautela*; *é necessário paciência*.

ADJETIVOS

Os adjetivos portugueses são, regra geral, provenientes de adjetivos latinos; estes, quase sempre, tinham três formas: uma forma para o masculino, uma para o feminino e uma terceira para o neutro. Com o desaparecimento do neutro, restaram as duas primeiras, que deram origem às formas correspondentes dos adjetivos portugueses:

certu > *certo*

certa > *certa*

Alguns adjetivos, entretanto, no acusativo só possuíam duas formas diferentes: uma para o masculino e feminino, e outra para o neutro. Desaparecido este, restou apenas a forma que servia para o masculino e para o feminino. Tais adjetivos deram, em português, os adjetivos uniformes, isto é, aqueles que têm uma só forma para os dois gêneros:

brevis > *breve*

Houve, no entanto, alguns adjetivos, oriundos de adjetivos latinos de 2.^a classe que, por analogia, receberam no português desinência de feminino, principalmente a partir do século XVI:

português — portuguesa

infante — infanta, etc.

GRAUS DOS SUBSTANTIVOS

Como se sabe, *grau* é a propriedade que tem o nome de indicar idéia maior ou menor que a normal, qualitativa ou quantitativamente.

O substantivo pode ser flexionado em grau pelo acréscimo de um sufixo ou por meio de adjetivos ou advérbios, como *grande*, *muito*, *pequeno*, etc..

A maior parte dos sufixos aumentativos, no português, originaram-se do latim e os mais usados são os seguintes:

ÃO: do latim — *one*. Brigão.

AÇO, *AZ*: do latim — *aceu*. Barcaça, linguaraz. (Tem muitas vezes sentido pejorativo: mestraço.)

AZIO: do latim — *aceu*. Balázio, copázio.

ALHA: do latim — *alia*. Muralha. (Tem também sentido pejorativo como, por exemplo, em gentalha e canalha.)

ASCO: do latim — *iscu*. Penhasco.

Os sufixos diminutivos portugueses, como os aumentativos, regra geral, também, se originaram do latim. O mais usado, pelo menos no português do Brasil é:

INHO, *IM*: do latim — *inu*.

A princípio, esse sufixo servia para formar adjetivos latinos, adquirindo, posteriormente, sentido diminutivo.

GRAUS DOS ADJETIVOS

O adjetivo tem dois graus: comparativo e superlativo. O *grau comparativo* pode ser de superioridade, de inferioridade ou de igualdade.

Em latim, o comparativo de superioridade era formado:

- a. pela terminação — *ior* (masculino e feminino) e — *ius* (neutro);
- b. pelos advérbios *plus* e *magis* antepostos a certos adjetivos.

A segunda forma era a mais usada no latim vulgar, sendo também a empregada no português. Do outro processo, conservaram-se vestígios em português em certas palavras como *melhor*, *maior*, *menor*, *pior*.

O comparativo de inferioridade também é formado em português à semelhança do latim. Nesta língua antepunha-se ao adjetivo o advérbio *minus* = menos, em português.

O grau superlativo, em latim, era formado pelo acréscimo do sufixo — *issimus* ou — *imus* (superlativo sintético) ou formado pelos advérbios *maxime*, *bene*, *male*, *multum*, *valde* (superlativo analítico).

O superlativo analítico suplantou, no latim vulgar, o superlativo sintético; daí seu uso mais comum nas línguas neolatinas. As formas do superlativo sintético penetraram no português, por via erudita, por volta do século XV, e o processo de formação desses superlativos eruditos é o mesmo do latim.

COMPREENSÃO DA TEORIA

1. Que motivo determinou a fusão das declinações?
2. O que se entende por tendência analítica?
3. O que é uma língua sintética?
4. O que significa *caso lexicogênico*?
5. Por que a aposição do *s* ao singular é a regra geral da formação do plural em português?
6. Explique a formação do plural em *ãos*, *ões*, *ães*, em português.

7. Por que os nomes da 1.^a e da 2.^a declinações tomaram, em português, os gêneros feminino e masculino?
8. Explique a passagem dos nomes masculinos da 1.^a declinação para o feminino, em português, assim como a evolução dos nomes femininos da 2.^a declinação para o masculino.
9. Explique o aparecimento dos adjetivos *biformes* e *uniformes* em português.
10. Nenhuma das afirmativas abaixo é certa para justificar a redução do número dos casos, exceto:
 - a — o latim clássico simplificava a língua;
 - b — o aspecto sintético da língua reduzia o número de palavras;
 - c — o analitismo do latim vulgar aumentou o número de preposições;
 - d — as terminações próprias de cada caso acabaram por se confundirem.
11. A redução das declinações deveu-se a todos os fatores abaixo, exceto:
 - a — algumas palavras podiam ser declinadas por mais de uma declinação;
 - b — a confusão que se estabeleceu entre os que falavam o latim foi motivada pela dificuldade de se discernir a qual declinação pertencia a palavra;
 - c — o espírito de simplificação de que se revestia o latim vulgar atuou no sentido de redução das declinações;
 - d — mesmo no latim clássico, jamais se fez distinção entre as cinco declinações.
12. O acusativo é chamado de caso lexicogênico porque:
 - a — nele se resumiam todos os outros casos;
 - b — dele se originaram quase todas as palavras portuguesas;

- c — dele se originaram quase todas as palavras que, em português, exercem a função de objeto direto;
 - d — dele se originam os adjetivos do léxico.
13. O plural dos nomes terminados em *ão* foge à regra geral porque:
- a — estes nomes provêm do acusativo plural;
 - b — as terminações destes nomes, na língua antiga, motivavam o plural de modos diferentes;
 - c — estes nomes provêm de outro caso latino;
 - d — estes nomes provêm do grego.
14. Regra geral, em português, as palavras terminadas em *a* pertencem ao gênero feminino; as que terminam em *o* pertencem ao masculino. As exceções que se notam devem-se:
- a — ao fato de que nem todas as palavras de tema em *a*, da 1.^a declinação, pertenciam ao feminino;
 - b — ao fato de tais palavras terem vindo de outras declinações;
 - c — ao fato de tais palavras terem vindo da 3.^a declinação, que não tinha a terminação *a* nem a terminação *o*;
 - d — ao fato de que nem todas as palavras de tema em *o*, da 2.^a declinação, pertenciam ao masculino.